

A Gente de Palmares, Gente Sergipana*

Terezinha Alves de Oliveira

Estudos sobre a formação do povo sergipano existem desde as primeiras décadas do século passado. O Centenário da Emancipação Política inspirou alguns deles, sob a égide do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Prado Sampaio, Clodomir Silva, Felte Bezerra, José Calazans e Sebrão Sobrinho, entre outros, levaram a chama dessa discussão e, na década de 1970, José Silvério Leite Fontes escreveu o ensaio propriamente intitulado “Formação do Povo Sergipano”. Mais tarde, Cabral Machado escreveria “Brava gente sergipana e outros bravos” e sairiam as genealogias, da lavra de Ricardo Teles de Araújo, Carlos Cabral de Andrade e Ricardo Andrade Gomes. Memórias de família como as de Ana Maria Medina e José Ibarê Dantas integram este quadro, mas, no geral, o estudo da formação do povo sergipano está apenas iniciado, com algumas (poucas) incursões sobre a contribuição do homem comum, não integrante das famílias aristocráticas, quase sempre situadas na zona açucareira.

Um belo universo se descortina e nos surpreende, cada vez que aparecem biografias, como “Seu Isaiás, seleiro de Riachão”, de Isaiás Nascimento Filho ou as histórias de municípios, produzidas fora do mundo acadêmico. As informações que aparecem são uma amostra da diversidade e da riqueza de experiências que contrariam a visão do Sergipe homogêneo, identificado, em tudo, com a sua “pequena” extensão territorial.

Por acaso, eu me deparei com uma dessas surpresas, ao ouvir a relação das obras chegadas ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nos Comunicados de uma reunião de Diretoria. Chamou-me a atenção o título “A ‘Gente de Palmares’ e os outros” pois, riachãoense que sou, quis saber se o livro tratava do Povoado Palmares, de Riachão do Dantas. A constatação me levou a uma leitura emocionada pelas novidades descobertas e pela familiaridade com nomes e pessoas citadas que remetem à história da minha terra. Eu tinha nas mãos, certamente, o primeiro estudo genealógico



referente a uma área do Centro-Sul do Estado, que alcança Tobias Barreto, Simão Dias e Riachão do Dantas e engloba Jeremoabo, na Bahia, formando o que o autor, Paulo Valadares, denomina de “Dantas-Landes”, numa referência ao território de domínio da tradicional família Dantas.

Paulo Valadares foi orientando, no Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo, da historiadora Anita Novinsky, nome fundamental na pesquisa genealógica cristã-nova brasileira. É autor de livros, artigos, prefácios e posfácios nos quais procura identificar judeus e suas origens familiares pelo mundo, como: *A Presença Oculta – Genealogia, Identidade e Cultura Cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX*; *B. J. Duarte: caçador de imagens*; *Os Primeiros Judeus de São Paulo – Uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana* e é coautor do *Dicionário Sefaradi de Sobrenomes*, obra que fez jus ao *The AJL Judaica Reference Award (EUA)*, em 2003.

“A ‘Gente de Palmares’ e os outros” reflete a busca das origens do próprio Autor, precedida de uma apresentação da sua trajetória intelectual. Nascido no Estado de São Paulo, inspira-o a pesquisa sobre a “invisível parentela que formou-se em mais de dois séculos” (p. 16) e que se espalhou pelo mundo através da proverbial migração dos sergipanos. Com pai oriundo de Samambaia (Simão Dias) e mãe de Palmares (Riachão do Dantas), ele explora a região do “Dantas-Landes” com o empolgante exercício de pesquisa que parte de “um misterioso ancestral comum, ora frade carmelita, ora pai de descendência judaizante” (p.9) e é estimulado pelas lembranças da própria infância, marcada por episódios de preconceito e perseguição contra a sua família, que se distinguia dos vizinhos nos costumes, cheios de elementos culturais judaicos.

Paulo Valadares tem o cuidado de esclarecer que não fez uma história dos descendentes de judeus em Sergipe. Ele conseguiu individualizar a “Gente de Palmares” e detalhar na sua árvore de costado os ancestrais e todos os seus descendentes, evidenciando o conjunto da parentela e a rede parental construída até o presente. Décadas de pesquisa foram necessárias para atingir o objetivo de “preservar informações extremamente fluidas e transmiti-las primeiro ao parente no futuro e ao pesquisador de história social que virá.” (p. 20) Sem descendência, o Autor quer se perpetuar, perpetuando a sua família.

Mas com esse propósito pessoal, “A ‘Gente de Palmares’ e os outros” contribui para a história de Riachão do Dantas e para a história da formação do povo sergipano. As terras da Ordem do Carmo e a constituição do Hospício Carmelitano no Povoado marcam a origem da família, já que a descendência de um certo Atanásio Ferreira de Sant’Anna, que viveu entre 1773 e 1848 se mistura com a do frade carmelita José Marcelino do Coração de Jesus, assassinado em Palmares no ano de 1856, que teve, com duas índias, seis filhos e mais de sessenta netos. Aos seus filhos é atribuída a fundação do povoado, entre 1830 e 1840.



A historiografia sergipana está presente nesta obra, como revelam as inúmeras referências aos livros, artigos, dissertações e até trabalhos de conclusão de cursos de graduação citadas no texto ou nas notas de rodapé. Além disso, Valadares recorreu à literatura, às biografias, às fontes documentais cartorárias e paroquiais, às fontes orais e às evidências da realidade, como a onomástica e a toponímia. Um trabalho de garimpo que valorizou mesmo os registros incidentais sobre a “Gente de Palmares” e que confessadamente se inspira em “Montaillou, povoado occitânico- de 1294 a 1324”, o clássico de Emmanuel Le Roy Ladurie, da Escola de Annales. Ali, a luta da Igreja contra a heresia cátara lhe lembra Palmares, com a presença dos frades carmelitas e “a luta silenciosa do Catolicismo para conquistar as almas dos descendentes de cristãos-novos e *muçurumins*. Luta que deu-se em campos da Europa e transferiu-se para este remoto e ignoto lugar da América.” (p. 24)

Palmares é, assim, o seu Montaillou – ele revela - e como Le Roy Ladurie, expõe a alma daquela gente, presentindo, nos detalhes, o seu modo de vida, as relações econômicas, as religiosidades, as mentalidades. Há um olhar de antropólogo e de sociólogo, que lhe permite tecer a trama da vida dessa comunidade, com poucos dados históricos disponíveis e muitas perguntas. Há também o olhar do geógrafo, que cria o “Dantas-Landes” a partir dos pressupostos das relações de poder e das alianças familiares presentes naquele espaço.

O “Dantas-Landes” é caracterizado como “um imenso arquipélago humano” (p.66), formado por grupos de famílias rurais isoladas que praticam a endogamia e mantêm costumes ancestrais. Estes grupos, individualizados pelos insultos que se lhes atribuíam, são caracterizados pelos dados captados nos registros de óbito - doenças, índices de mortalidade, modos de enterramento, idades, conflitos, profissões - e se tornaram visíveis a partir de um líder da parentela, Antônio Monteiro, “interlocutor com o Estado e a Igreja” (p. 125) e um dos três homens importantes de Riachão, na segunda metade do século XIX. Embora exteriormente católicos, esses homens e mulheres mantinham práticas do judaísmo e uma duplicidade de vidas, evidenciada nas preces, nas pragas que rogavam, nos costumes alimentares, na culinária do não, nas referências onomásticas, na manutenção de nomes bíblicos, que o Autor considera terem “uma frequência maior nesta região que em qualquer outra do Brasil” (p.147); na desconfiança e discrição que seria uma transmutação do ancestral medo à Inquisição e no sentimento de pertencer a um grupo especial, mesmo que não se saiba quem seja : “nós, a gente de Palmares.” (p.150).

Já nas primeiras décadas do século XX, a presença protestante enfraqueceu a teocracia católica e atraiu alguns membros da “Gente de Palmares”. Enquanto isso, as facilidades de transporte iriam destruir o isolamento, levando a população do “Dantas-Landes” a engrossar a corrente



migratória dos sergipanos atraídos pela corrida da borracha, ao Norte, pelo cacau em Ilhéus, no Sul da Bahia ou pela colonização do Oeste paulista. Para Valadares, o fim do isolamento e a dispersão geográfica também destruiu os mecanismos de solidariedade, “a noção de ‘grandeza’, o mundo dividido entre nós e eles; aversão a avareza e a mesquinhez como traços negativos de caráter e o ceticismo aguçado que caracterizava a ‘Gente de Palmares’” (p. 168).

Encerra o livro a genealogia ascendente de Paulo Valadares, remontando às primeiras gerações no Brasil e chegando até o Autor, com abundantes informações sobre pessoas e fatos da história de Sergipe na região estudada. Essas informações, presentes aliás em todo o trabalho, fazem desse estudo sobre a “Gente de Palmares” também uma incursão sobre a gente sergipana, sua formação, trajetória e maneiras de enfrentar os grandes desafios postos pelas condições de sua história. Elas estão nas abordagens sobre a presença de escravos e índios; sobre a criação de experiências religiosas alternativas apesar da vigilância e do domínio da Igreja Católica; sobre os conflitos numa sociedade violenta; sobre resistências expressas no sincretismo; sobre sentimentos e até sobre como membros da parentela participavam do ritual popular da Queima de Judas.

Há trechos que trazem curiosidades e demonstram a sagacidade e a inteligência de homens simples. Ademais, mesmo diante do antigo isolamento da região “onde o livro é um artigo raro” (p. 84) Valadares destaca os intelectuais, começando pela figura singular de Tobias Barreto e enumerando romancistas, poetas, memorialistas e líderes religiosos que foram surgindo através do tempo. As notas de rodapé do livro estão cheias de informações sobre a trajetória universitária ou intelectual atual de pessoas oriundas de famílias do “Dantas-Landes”. Eles e elas romperam a endogamia, são cristãos, judeus, muçulmanos e até budistas (o Presidente da Sociedade Budista Brasileira é um deles). Em Simão Dias, na década de 1950, um membro da “Gente de Palmares”, Pedrinho de Antônio Carlos, deu início à descendência política que chegou ao presente com pessoas nos mais altos cargos do Estado e da República. Muitos membros da parentela se espalharam pelas grandes cidades do País e também podem ser encontrados em Portugal, na França, na Alemanha, na Lituânia, na Polônia, na Suíça e na Nova Zelândia.

Enfim, “A ‘Gente de Palmares’ e os outros” consegue ser a biografia de um sujeito coletivo que é, no fundo, a gente sergipana. É um trabalho que traz homens e mulheres comuns à evidência da História. Certamente há reparos a fazer. Um deles, a vaga definição do “Dantas-Landes” que o Autor remete a um livro seu ainda inédito, deixando o leitor apenas com a referência às terras dos Dantas de Itapicuru. Por outro lado, a relação entre o Povoado e a sede municipal embora esteja presente, parece, às vezes, requerer explicitação, como é o caso da referência à disputa políti-



co-partidária em Riachão (1809), envolvendo o Cônego Fonseca, que “terminou na peculiar questão religiosa local” (p.131), compreendida como um enfrentamento à Igreja baseado em conceitos islâmicos. Mais de uma vez, para registrar a duplicidade de comportamento religioso na população de Riachão, Valadares atribui certas atitudes de resistência ou de rebeldia em relação ao Catolicismo, à presença de conceitos islâmicos, deixando no ar tal presunção. No movimento popular intitulado “O Céu das Carnaibas”, destruído com violência pelos partidários da ortodoxia, vê semelhanças “ao dohmes turcos (sefaradis convertidos ao islamismo no século XVI) neste clima de antinomismo e liberdade sexual” (p.160).

Na bibliografia, senti a ausência de obras específicas sobre a história do município de Riachão do Dantas, até mesmo do verbete da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, publicada pelo IBGE. Embora haja citação de trabalhos de 2015, certamente Valadares não chegou a conhecer os livros de José Renilton Nascimento Santos sobre a história local e sobre a atuação da Igreja Católica, publicados em 2014. Finalmente, embora a cidade de Aracaju tenha sido o destino de muitos habitantes do interior que migraram em busca de melhores condições de vida, é intrigante que a capital não apareça como um dos pontos de atração da “Gente de Palmares”, quando se constata a presença daquelas famílias em Aracaju.

Esses reparos não empanam, porém, a importância da obra. É um tema singular, fascinante e bem executado. Ademais, com o conhecimento dos nossos arquivos e a denúncia das lacunas criadas pela perda de documentos ou pelo descuido, Paulo Valadares também homenageia a terra dos seus ancestrais. Se queremos conhecer o que somos e surpreender-nos com a história que os sergipanos construíram ao longo de duzentos anos, teremos que, decididamente, cuidar da nossa memória.

Resenha de VALADARES, Paulo. A “Gente de Palmares” e os outros. Sobrevivências judaicas em Sergipe. São Paulo, Lura Editorial, 2018.

Palavras chave : Sobrevivências judaicas – Povoado Palmares – Sergipanos.

